

O MOVIMENTO NEGRO E A PEDAGOGIA INTERÉTNICA

Ana Beatriz Sousa Gomes

Pedagoga, Mestre em Educação (UFPI), Professora Substituta do DEFE/CCE/UFPI, Coordenadora do IFARADÁ, em Iorubá, resistência pelo conhecimento, Núcleo de Pesquisa sobre africanidades e afrodescendência da UFPI.

RESUMO

Neste artigo abordaremos sobre a participação do Movimento Negro na educação escolar, enfatizando as suas contribuições neste processo, especialmente no tocante à Pedagogia Interétnica (Cruz, 1989). Como intervenção pedagógica, este método enfatiza o estudo e a pesquisa do etnocentrismo, preconceito racial, e do racismo transmitidos durante a socialização ou escolarização, indicando medidas educativas de combate destes fenômenos negativos. Consideramos esta proposta teórico-metodológica crítica, importante porque desmascara a escola como espaço de conflitos e construções sociais que envolvem aspectos socioculturais, políticos, econômicos, e raciais. Ela enfatiza a totalidade no tratamento das diversidades, como na comunicação sobre as mesmas. Verificamos que a escola necessita prestigiar os valores das minorias sociais, procurando assegurar a construção de uma autêntica democracia racial e social.

Palavras chaves: Movimento Negro, escolarização, minorias sociais.

ABSTRACT

In this article we will approach about the participation of the Black Movement in the schooling process, we emphasized its contributions in this respect, especially with regards to the inter-ethnic pedagogical strategy (Cruz, 1989). As a pedagogical intervention, this method stresses the development of studies and research related to ethnocentrism, racial prejudice, and the racism transmitted during the socialization or schooling processes. At the same time, it goes on to suggest educational steps for fighting against these negative phenomena. We consider these theoretical and methodological instruments to be critical, and also very important because they help to reveal the school place, not only as one of conflicts, but also as an appropriate environment for social constructions, which involve elements which are sociocultural, political, economic, and racial. It is a methodology which focuses on the aspect of totality, both in working and communicating about diversity. It was found out that the school needed to give due value to the members of social minorities as a positive way of trying to build up an authentic racial democracy, that is also socially democratic.

Key Words: Black Movement, schooling processes, social minorities

I. INTRODUÇÃO

A história do Movimento Negro é bastante acentuada nas lutas contra o racismo. Entendemos que o ativismo não é suficiente para dar conta das necessidades encontradas na realidade cotidiana. Ou seja não basta apenas fazer manifestações públicas denunciando o racismo. Por isso, a educação (formal e informal) sempre esteve no centro das preocupações do Movimento Negro.

Pela bibliografia encontrada e pesquisada (existem outras fontes de pesquisa sobre o trabalho de outros estados, mas não tivemos acesso) nas primeiras décadas do

século XX, surgiram na cidade de São Paulo inúmeras associações negras que desenvolveram as mais diversas atividades educacionais. Segundo Andrade, (1997, p. 194) há quem afirme que a preocupação com a problemática da educação para o negro surgiu desde o século XIX. No entanto, foi na década de 1930, com a iniciativa da organização Frente Negra Brasileira, que Artur Ramos indicou o propósito da educação para o segmento negro. Essa organização mantia desde a encenação de peças teatrais, promoção de palestras educativas, formação de bibliotecas, até atividades educativas mais formais, como cursos de atualização, de alfabetização e mesmo um

curso primário regular.

De acordo com Pinto (1993, p. 28), as associações fundadas entre 1926 e 1932, só puderam levar avante suas atividades à custa de grandes sacrifícios e devido à colaboração voluntária de muitos. Além daqueles que ministravam as aulas, havia os que se ocupavam das atividades burocráticas necessárias à organização e divulgação da entidade, e também os que organizavam as campanhas visando donativos e material para a sua manutenção.

Podemos ressaltar também o papel da Imprensa Negra ativa e combativa, que não só divulgava as atividades e abria espaço para a produção literária do negro, como debatia as questões educacionais, procurando sempre discorrer sobre a importância da educação para que o negro superasse os seus problemas, muitos dos seus artigos significavam verdadeiras lições. Constituíam-se, assim, ela própria num veículo educativo.

Numa época de bastante ativismo, no início da década de trinta, o objetivo principal era que o negro se educasse para assim enfrentar os males de sua situação sócio-política, econômica e cultural.

Na década de 40 e início da década de 50, nos eventos promovidos pelo movimento negro verificamos bastante ênfase à cultura específica do negro e à sua identidade, principalmente pelo Teatro Experimental do Negro, fundado em 1944 no Rio de Janeiro, por Abdias Nascimento, que se destacou como instrumento de libertação estética, moral e política do negro.

Neste processo, as lideranças negras começam a se preocupar com os conteúdos curriculares e as relações sociais das escolas empenhando-se na discussão com a escola sobre os conteúdos escolares que tratam sobre o negro, principalmente na área da história, ao mesmo tempo em que revela a importância da introdução de informações sobre as raízes

culturais do povo negro, o que denominaram de estudos africanos, que nas décadas de 70 e 80 passaram a ser consideradas como fundamentais para a educação da criança negra.

Neste período a preocupação principal do movimento negro era com o enfoque que a educação dava a história do negro no Brasil, enfatizando aspectos de docilidade em detrimento de fatos da história de resistência do negro. A partir daí, cresce o fortalecimento de ações para a recuperação da história do negro visando a formação de sua identidade.

O Movimento Negro, enfatizou a questão da identidade étnica nas ações e posicionamentos frente à educação, no início do século XX e no final dos anos 70 e início dos anos 80. Nesse último período, findo os governos militares, o Movimento adquire uma postura mais agressiva e radical, com o surgimento do MNU - Movimento Negro Unificado em 1978 (Pinto, 1993, p. 29).

De acordo com as reflexões de Gomes (1997, p. 20), é possível discutir cinco contribuições do movimento negro para o pensamento educacional brasileiro. A primeira, foi a denúncia de que a escola reproduz e repete o racismo presente na sociedade. Esta primeira contribuição representa um processo contínuo que desencadeia outros processos de combate ao racismo.

A segunda contribuição dos negros se dá na ênfase no processo de resistência negra através da história. Trata-se de discutir as abordagens históricas que veiculam equívocos e distorções retratando o negro com uma falsa imagem de dócil, amorfo e indolente revelando o processo de resistência e lutas do povo negro.

Apesar desta preocupação do movimento negro, ainda é lento este processo de inclusão dos conteúdos referentes a resistência do negro nas práticas pedagógicas curriculares.

A terceira contribuição trata da exigência do reconhecimento de que existe

uma produção cultural que é realizada pelos negros no Brasil, o que nos remete a nossa ancestralidade africana, representada na música, na dança, na religião, na culinária, na pintura, no vestuário, nas festas e em outras manifestações culturais.

A quarta contribuição considera remota necessidade de aceitar mais formalmente, a existência de diferentes identidades que são formadas nas relações sociais, e daí a importância da formação dos professores para atuarem na realidade das nossas escolas.

A quinta contribuição sugere uma reflexão sobre a estrutura excludente da escola e a denúncia de que tal estrutura precisa ser reconstruída para garantir não somente o acesso a educação, mas também, a permanência digna na escola e o êxito escolar dos alunos de diferentes origens raciais.

Podemos perceber, diante da nossa participação no movimento negro, um processo de conscientização da necessidade de assumir uma identidade negra, baseada na valorização da cultura negra, de suas raízes africanas. São realizados eventos acadêmicos em todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao ensino de pós-graduação, num processo de formação e aperfeiçoamento principalmente de profissionais na área da educação, entre eles, as lideranças negras, os estudiosos e os simpatizantes da causa. Podemos citar, como exemplos os trabalhos dos grupos: IFARADÁ (PI), Centro de Cultura Negra (MA), Centro de Estudos AfroBrasileiros (BA), Centro de Estudos AfroAsiáticos (RJ) e Núcleo de Estudos Negros - NEN (SC).

No entanto, alguns estudos sugerem que a penetração das propostas do movimento junto à população negra ainda é muito restrita, com uma linguagem que parece que ainda não sensibilizou o negro comum (Pinto, 1993). Basta verificarmos nas relações sociais estabelecidas entre vários seguimentos da

população negra, que se encontram nas favelas, nas fábricas e indústrias, no comércio, nas classes altas da sociedade, enfim, precisamos tomar cuidado com a maneira de abordarmos as estratégias de conscientização e politização da sociedade brasileira.

Neste caso, não estamos nos referindo somente a população negra, mas a toda a sociedade brasileira. O movimento negro reivindica no campo da educação o reforço da identidade da criança negra, mas sem esquecer que esta se constrói juntamente com outras que são não negras, mas que também, são brasileiras. A omissão deste processo de formação da identidade pode trazer consequências muito graves para as crianças negras, podendo torná-las complexadas, interferindo no seu rendimento escolar. Para as crianças brancas poderá causar-lhes um etnocentrismo, privando-as de conhecer melhor um pouco da história de um outro povo que ainda hoje constrói o Brasil.

Pela literatura pesquisada (Pinto, 1993), (Silva & Barbosa, 1997), a maioria de iniciativas e propostas mais conhecidas são oriundas de estados do Sul do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, e no Nordeste é enfatizado o estado da Bahia. No entanto, através de nossa participação em Cursos, Encontros e Congressos Nacionais e Internacionais na área da Educação e Ciências Sociais nos últimos quatro anos [XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência sobre Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe, Salvador-BA, (1996), I Congresso Internacional em Educação da UFPI, Teresina-PI (1997), Curso Avançado sobre Relações Raciais e Cultura Negra, Centro de Estudos Afro-asiáticos – Universidade Cândido Mendes – Rio de Janeiro-RJ, (1998), I Congresso Regional em Educação da UFPI, Teresina-PI, (1998), XIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste, Salvador-BA, (1999), Congresso Mundial sobre o Racismo e I Feira Internacional Multicultural, Salvador –BA, (1999)], X

Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Rio de Janeiro-RJ, (2000) e I Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Recife-PE (2000), temos percebido a participação de diversas lideranças do movimento negro em vários estados de todas as regiões do país. Isto vem demonstrar a grande participação de entidades do movimento negro, sobretudo das mulheres negras, na discussão de problemas relacionados à população negra na área da educação escolar.

Percebemos que no passado, nas primeiras décadas do século, a grande preocupação dos negros era com a própria educação. No entanto, atualmente passamos também, a reivindicar do sistema educacional formal e da sociedade brasileira, o reconhecimento da nossa cultura, do nosso modo de ser e da nossa história, da nossa cidadania, e reclamar dos abusos que sofremos porque somos o que somos.

Quando nos referimos as raízes culturais do povo negro, pensamos numa cultura que foi repassada por nossos ancestrais que vieram do continente africano. Na maioria das vezes, não sabemos qual foi o país, a região, e dessa forma, qual foi a cultura trazida, porque o Continente africano é grande e se estabelecem vários modos de vida. Mas, muitos costumes resistiram ao tempo e a escravidão. Podemos elencar vários elementos da "nossa cultura", ou melhor dizendo, podemos cultivar várias atividades que nos foram contadas e vividas por nossos familiares e amigos, assim também como podemos estudar sobre a nossa herança africana no Brasil e em alguns países africanos, o que denominamos estudos africanos ou africanidades brasileiras.

Discutindo as propostas, intervenções e contribuições que o movimento negro tem trazido para as práticas pedagógicas curriculares, podemos apresentar a Pedagogia Interétnica, uma das primeiras a serem consolidadas devido a sua completude e abertura para incluir todos os brasileiros.

2. A PEDAGOGIA INTERÉTNICA

Acreditamos que uma das maneiras de trabalharmos alguns fatos sociais relacionados com os grupos vítimas de racismo e machismo que provocam desigualdades sociais seria com uma Pedagogia libertadora porque exige que se leve a sério os pontos fortes, experiências, estratégias e valores dos membros dos grupos oprimidos (Freire, 1987). Implica também ajudá-los a analisar e compreender as estruturas sociais que os oprimem para elaborar estratégias e linhas de atuação com probabilidades de êxito.

A Pedagogia do Oprimido se refere a uma pedagogia não feita para o oprimido, mas construída por ele através dele, com suas experiências concretas de vida. Essa pedagogia educa a todos. O processo ensino-aprendizagem é mútuo.

Uma das formas de vivenciarmos uma educação libertadora, com uma pedagogia do oprimido, seria se levássemos também em consideração a pedagogia interétnica.

Segundo Cruz (1987, p. 74) a pedagogia interétnica surgiu em 1978, como resultado de uma pesquisa sobre relações raciais, conduzida pelo Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador, em colaboração com a Universidade Federal da Bahia. Este estudo mostrou que o processo educacional é o principal responsável pela transmissão do preconceito racial e que, só através do processo educacional será possível combatê-lo.

A pedagogia interétnica tem como objetivo fundamental o estudo e a pesquisa do etnocentrismo, do preconceito racial e do racismo transmitidos pelo processo de socialização ou educacional (família, comunidade, escola, sociedade global e meios de comunicação social), além de indicar medidas educativas para combater os referidos fenômenos (Cruz, 1989, p. 51).

A Pedagogia Interétnica sugere uma linguagem total e pretende utilizar os meios de comunicação social (escola, teatro, imprensa, rádio, história em quadrinhos, posters, cinema, TV, vídeo e palestras) como mecanismo de educação e de combate aos preconceitos e discriminações raciais, intervindo sistematicamente na educação escolar, colaborando na elaboração de práticas pedagógicas curriculares nas escolas baseadas nos valores dos grupos étnicos subalternos como negros, índios e também outros grupos oprimidos como os pobres, mulheres e deficientes físicos, procurando assegurar a construção de uma autêntica democracia tanto racial quanto social.

Destacaremos os métodos de pesquisa e os métodos de combate ao preconceito racial e ao racismo recomendados pela pedagogia interétnica. Entendemos que estes métodos podem ser aplicados com toda a comunidade escolar porque participam das relações sociais na escola (Gomes, 1999). Podemos adequar a maneira de aplicá-los para crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Vale ressaltar que esses métodos devem ser utilizados tomando como referência os pressupostos da pesquisa participante que recomendam a participação efetiva dos membros no campo de estudo e na análise de sua própria realidade. Não representam fórmulas estáticas, mas integram um processo de orientação e sugestão onde o mais importante é a percepção e o momento vivido por cada educador na busca de detectar o preconceito racial e o racismo, verificando a intervenção mais apropriada para cada situação apresentada nos processos de educação formal e informal.

Os métodos de pesquisas sobre o preconceito e sobre o racismo propostos pela pedagogia interétnica são:

1 - O Método Sociológico - Baseia-se na mensuração das atitudes das pessoas na sua maneira de pensar, sentir e suas aspirações

da sua realidade vivida. Para isso é recomendado a realização de entrevistas e questionários não diretivos de distância social.

2 - O Método de Análise da Linguagem Ordinária - Concentra-se na maneira como a linguagem é utilizada no cotidiano, manifestando o preconceito racial. O significado de uma palavra depende do sujeito que a usa do seu contexto sócio-cultural. Ao analisar a linguagem estes aspectos precisam ser considerados. Podemos citar como exemplo: "dia negro", "a coisa está preta", "coisa de negro".

3 - O Método Semiológico - Pesquisa a ideologia da supremacia branca veiculada nos objetos culturais e nos sistemas visuais-verbais nos meios de comunicação social. Como por exemplo: as referências com os termos "meia cor da pele" e da "calcinha cor da pele".

Diante dos métodos de pesquisa do preconceito racial e do racismo, a pedagogia interétnica propõe os métodos operacionais de combate ao racismo que são:

1- O Método Curricular - Trabalha na construção de um currículo escolar fundamentado na cultura e nos valores dos grupos étnicos dominados, no caso, o negro e o índio. Esta proposta de combate ao racismo reconhece que as ideologias classistas, machistas e racistas são transmitidas pelo currículo oculto, entretanto, acontece também na escola um processo de resistência a essas ideologias. Os sujeitos conscientes de seus papéis sociais assumem uma postura contestadora e transformadora ao não aceitarem a situação vigente.

Assim, a Pedagogia Interétnica surge a partir dessa postura contestadora, com a criação desse espaço de resistência dentro do sistema educacional.

O Método Curricular sugere além de

práticas pedagógicas curriculares baseadas na cultura dos grupos étnicos oprimidos, o comprometimento com valores da dignidade humana e anti-racista com a discussão crítica de temas relacionados aos problemas sócio-raciais do passado e da contemporaneidade da nossa sociedade, na busca de um futuro mais justo e democrático.

- 2 - O Método Etnodramático - Sugere a ação dramática como instrumento de combate ao racismo, ao preconceito racial e ao etnocentrismo, assumindo uma postura dialogical entre os atores e o público, analisando criticamente o contexto social dos grupos étnicos oprimidos, utilizando técnicas sócio-dramáticas. Como exemplo, no passado temos a experiência do Teatro Experimental do Negro.
- 3 - O Método da Comunicação Total - Aconselha a utilização de cartazes anti-racistas, filmes, slides, vídeos, cartilhas, textos, palestras e demais meios de comunicação social, no combate ao racismo, atingindo a todas as comunidades sociais, como nas residências familiares, escolas, igrejas e clubes.

A aplicação dos métodos de combate ao racismo deve ser articulada em consonância com os seguintes aspectos estruturais da pedagogia interétnica:

- 1 - O Aspecto Psicológico - Considera o complexo de superioridade do grupo étnico dominante e o complexo de inferioridade e auto-rejeição do grupo étnico dominado, indicando medidas psicoterapêuticas porque o comportamento do negro decorrente da auto-rejeição de sua raça é doentio e emperra todo o processo de afirmação de identidade e de auto-estima que vem sendo construído ao longo dos anos por grupos de pessoas sensíveis a esses problemas raciais.

Dessa forma, entendendo as estruturas psíquicas das pessoas, o trabalho de comba-

te ao racismo pode se tornar mais consistente.

- 2 - O Aspecto Histórico - Propõe uma reavaliação crítica da historiografia dos grupos étnicos dominados investigando as raízes históricas do preconceito racial e os fatores que levaram alguns grupos étnicos a se desenvolverem mais do que outros, porque o historiador conta a história de acordo com os valores e Interesses de sua cultura e classe sócio-racial.
- 3 - O Aspecto Sociológico - Estuda a situação sócio-econômica do negro e aponta os fatores socioculturais que condicionam a marginalidade dos grupos étnicos dominados na estrutura global da sociedade.

Antes de mencionarmos o aspecto Axiológico, faz-se necessário voltarmos ao vocábulo axiológico, que "é originado da palavra grega *axios* que significa 'o que é precioso', o que pode ser estimado. Isto quer dizer que podemos estabelecer a axiologia como ciência dos valores que é a distinção entre 'o que é ' e 'o que deveria ser'" (Cruz, 1989, p. 62).

- 4 - O Aspecto Axiológico - Tem como pressuposto corrigir as distorções ocasionadas pela ideologia da superioridade dos valores ocidentais sobre os outros grupos étnicos existentes no Brasil e no mundo.
- 5 - O Aspecto Antropobiológico - Aborda as teorias da superioridade racial e propõe a sua desmistificação, difundindo as modernas teorias antropológicas que enfatizam a naturalidade das diferenças e a igualdade dentre estas diferenças.

Apresentamos os métodos de pesquisa e de combate ao racismo recomendados pela Pedagogia Interétnica, porque concordamos com os seus fundamentos que de uma forma necessária, preocupa-se também em trabalhar com as estruturas internas e externas que são criadas nas pessoas em decorrência do

racismo, como foram discutidos de forma sucinta, nos aspectos estruturais da Pedagogia Interétnica.

3. CONCLUSÃO

A proposta da Pedagogia Interétnica, é o reconhecimento e o desenvolvimento das potencialidades e dos valores do ser humano, partindo da sua vivência concreta no mundo. Considera todos os grupos étnicos existentes em nossa sociedade, procura evidenciar situações, promovendo discussões voltadas para os problemas de identidade étnica e das relações sociais, mas reconhece todo o eurocentrismo existente nos processos de educação. Trabalha com o currículo oficial, enfatiza a cultura dos índios e dos negros como uma forma de descentralizar a cultura eurocêntrica existente no sistema educacional.

Entendemos que a pedagogia interétnica é um instrumento de trabalho capaz de combater o racismo como um fato social porque se constitui também numa força coercitiva, ao ser uma proposta de pesquisa sobre o racismo e uma intervenção pedagógica sensível às peculiaridades dos grupos sociais oprimidos.

Portanto, não basta somente denunciar o racismo, mas é necessário, ao mesmo tempo, combatê-lo ou pelo menos fazermos algo contra ele (Boakari, 1999). A pedagogia interétnica é um caminho de construção diária onde cada educador/pesquisador percorre sua trilha, orientado, acima de tudo, pela capacidade de enfrentar situações, que no caso dos educadores negros, já foram vividas e que, na maioria das vezes, ficaram para trás, somente em forma cronológica de acontecimento, mas estão presentes no inconsciente e com marcas profundas na formação da nossa identidade e personalidade.

No entanto, não é somente o educador negro que tem no passado uma história vivida para contar, mas os não-negros também.

Com certeza já presenciaram ou participaram de alguma situação de racismo na sua vida escolar.

Percebemos que essas situações precisam ser discutidas, tanto as do passado quanto as do presente, para que os educadores se fortaleçam e criem coragem até para falarem sobre esses assuntos, tão delicados de serem tratados, porque a maioria dos educadores, nas experiências escolares que já vivenciamos, não se sentem à vontade para falar dessas questões.

Assim, precisamos aliviar, amortecer e acabar com essas agressões racistas para que os nossos filhos, as crianças e os jovens que constroem o nosso país, possam viver uma cidadania mais plena.

Entendemos que a proposta da Pedagogia Interétnica nas escolas é viável. Pois além de estudar o racismo tenta combatê-lo de várias maneiras, com vários suportes teóricos e metodológicos, indicando sugestões práticas para uma didática interétnica para professores do ensino fundamental, médio e superior, em várias áreas de ensino.

São com essas orientações da pedagogia interétnica, nossa sensibilidade, percepção e experiência de educadora, pesquisadora e militante do movimento negro, que conduzimos o nosso trabalho (Gomes, 2000).

Acreditamos que esta postura de militância, ou de exercício de cidadania, tende, não somente, a fortalecer a auto-estima do negro, mas educar os outros grupos raciais e culturais, principalmente o branco, que já é tão contemplado nas representações sociais que nos envolvem.

Estes foram alguns pontos para pensarmos na importante contribuição do movimento negro para o processo educacional brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elaine Nunes de. Do movimento negro juvenil a uma proposta multicultural de ensino: reflexões. *Educação e os Afro-brasileiros: trajetórias, identidades e alternativas*. Coleção Novos Toques – Programa A cor da Bahia. Envelope & Cia. Salvador, 1997.

BOAKARI, Francis Musa. Uma Pedagogia Interétnica para a Educação Brasileira; para não dizer que não tive sonhos realizáveis. *Linguagens, Educação e Sociedade – Revista do Mestrado em Educação*. Universidade Federal do Piauí. N. 4 – Teresina: EDUFPI, 1999.

CANEN, A. Teacher Education in an Intercultural Perspective: a parallel Between Brazil and the Uk, *Compare*, Vol. 25. N° 3, p. 227-237, 1995.

CRUZ, Manoel de Almeida. Pedagogia Interétnica. *Cadernos de Pesquisa*, n.º 63. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1987.

_____. *Alternativas para combater o racismo, um estudo sobre o preconceito racial e o racismo. Uma proposta de intervenção científica para eliminá-los*. Salvador, Núcleo Cultural Afro-brasileiro, 1989.

FIGUEIRA, Vera Moreira. "O preconceito racial na escola". *Estudos afro-asiáticos*, (18), 1990. pp. 63-91.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis, Vozes, 1986.

GOMES, Ana Beatriz Sousa. A Escola como Projeto Coletivo e Compartilhado de trabalho. *Linguagens, Educação e Sociedade – Revista do Mestrado em Educação*. Universidade Federal do Piauí. N. 4 – Teresina: EDUFPI, 1999.

_____. A Prática Pedagógica Curricular e os alunos negros: um estudo de caso numa escola pública em Teresina, Piauí. Teresina – PI. UFPI. 2000. (Dissertação de Mestrado).

GOMES, Nilma Lino. A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro in SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e & BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (organizadoras). *O Pensamento Negro em Educação no Brasil – Expressões do Movimento Negro*. São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1997.

PINTO, Regina Pahim. Raça e Educação: uma articulação incipiente. *Cadernos de Pesquisa*. N.80, p.41-50, fev/1992.

_____. Multiculturalidade e Educação de Negros. *Cadernos Cedes*, São Paulo, Papirus, n°32, p.35-48, 1993.

_____. *O movimento negro em São Paulo; luta e identidade*, São Paulo, 1993. FFLCH/USP. Tese de doutorado

_____. Movimento Negro e Educação do Negro: Ênfase na Identidade. *Cadernos de Pesquisa* n.º86, São paulo, p.25-38, ago. 1993.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. "...um dia eu vou abrir a porta da frente": mulheres negras, educação e mercado de trabalho. *Educação e os Afro-brasileiros: trajetórias, identidades e alternativas*. Coleção Novos Toques – Programa A cor da Bahia. Envelope & Cia. Salvador, 1997.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Relações Raciais e Rendimento Escolar, Cadernos de Pesquisa* n° 63, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1987.

_____. Raça e desigualdade educacional no Brasil, In AQUINO Julio Groppa (org.). *Diferenças e Preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do Negro no livro didático*. Salvador, CEAO, CED, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves & BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (organizadoras), *O Pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro*. São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1997.

Notas Finais

¹ Este texto integra um dos capítulos da nossa Dissertação de Mestrado em Educação (Gomes, 2000) onde discutimos algumas das influências da prática pedagógica curricular relacionadas à formação da cidadania de um grupo de alunos negros